

PERSPECTIVA PEDAGÓGICA DO ACTUAL PROGRAMA DE LATIM

António Afonso Borregana

Não é propriamente uma análise crítica que vou fazer ao Programa de latim, de que sou co-autor. Quero apenas, no pouco tempo que me é atribuído, referir alguns dados de ordem didáctico-pedagógica subjacentes à organização do Programa, na sua versão actual.

O Programa assinala (p. 55) como objectivo fundamental do estudo da língua latina "compreender e traduzir correctamente, com o auxílio do dicionário, textos latinos de dificuldade moderada". Tal objectivo, cuja possibilidade de consecução se situa no final do 12º ano, só será possível atingir-se mediante a realização sequencial dos objectivos específicos correspondentes a cada uma das rubricas programáticas dos três anos (10º, 11º, 12º). As rubricas programáticas, seleccionadas e ordenadas gradativamente ao longo dos três anos, em escala de dificuldade levemente ascendente, proporcionam uma aprendizagem sequencial relativamente fácil (se o descuido do aluno não abrir hiatos pelo meio) rumo à consecução do objectivo final enunciado atrás.

O núcleo fundamental de objectivos – conteúdos do Programa centra-se no sistema da língua. Desde o início do 1º ano de latim até ao fim do 3º ano, os alunos confrontam-se continuamente com as classes de palavras e com as suas diferentes formas, sempre integradas na frase e no texto (*vide Programa, Orientação Metodológica, p. 30, a*).

Note-se que o ordenamento das rubricas programáticas referentes à língua sugere uma rampa levemente ascendente de dificuldade, de forma

a evitar hiatos, o que exige (e ao mesmo tempo possibilita) uma fácil iniciação e um prosseguimento lento, mas sólido, na aprendizagem da língua. Esta senda gradual da aprendizagem sugerida pelo programa do 1º ano exige da parte dos organizadores de compêndios um cuidadoso trabalho na selecção de textos fáceis e hierarquizados (elaborados ou adaptados de autores latinos) de modo a facilitar essa evolução gradual no domínio do conhecimento das estruturas da língua.

As rubricas de morfologia aparecem, no Programa, intercaladas com as de sintaxe para evitar que se possa cair no processo maçador de se dedicarem aulas inteiras, durante semanas e até meses, ao estudo prévio de todas as declinações, esquecendo-se de que a palavra só dentro da frase assume verdadeiramente um significado concreto: o valor lógico dos casos só no contexto frásico se percebe cabalmente.

As próprias rubricas de cultura romana não aparecem no Programa enumeradas ao acaso. A fundação de Roma, por exemplo, figura em primeiro lugar não só porque a história maravilhosa de Rómulo e Remo, tal como um conto de fadas, é naturalmente atraente, mas também por ser um tema simples, que se adapta à elaboração de textos fáceis e nos fornece grande abundância de vocabulário, com predomínio de nomes da 1ª e 2ª declinações (as primeiras a serem estudadas). Dificilmente, pois, se poderia imaginar um tema mais apropriado para a iniciação do estudo do latim. Outro exemplo de intencionalidade pedagógica do Programa é o facto de nele se aconselhar o estudo dos adjectivos de 1ª classe, depois do estudo da 1ª e 2ª declinações, por seguirem os mesmos dois tipos flexionais.

A Orientação Metodológica do Programa sugere algumas estratégias de iniciação ao estudo do latim. Ali se afirma que a iniciação envolve um problema de motivação e de sensibilização. É preciso que o aluno sinta, desde as primeiras aulas, a utilidade do estudo do latim. Para isso, recomenda-se que os primeiros textos sejam simples e baseados em assuntos ao mesmo tempo interessantes e culturais, que permitam ao professor evidenciar:

- a presença da cultura Romana na nossa civilização;
- a necessidade científica do latim para diversos cursos superiores;
- a importância do latim como língua mãe do português.

Para evidenciar este último ponto, o programa refere a importância da etimologia, aconselhando um contínuo relacionamento de palavras portuguesas com étimos latinos. Este exercício, além de evitar a monotonia das aulas, contribui para que o aluno vá dominando progressivamente não só o vocabulário latino, mas também o português. A aprendizagem de um *corpus* representativo do vocabulário fundamental do latim

é indispensável para que o aluno, ao entrar em textos mais complexos de autores romanos, não desanime na irritação de procurar no dicionário todas as palavras. O ideal seria que o aluno já conhecesse um *corpus* razoável de vocábulos latinos na altura em que começa a usar o dicionário. Sabemos, com efeito, que, para seleccionar no dicionário o significado contextual apropriado de uma palavra, é preciso captar, mediante leitura atenta, pelo menos o assunto do texto, o que não se faz sem o conhecimento de algum vocabulário.

A crise por que os alunos de latim costumam passar por alturas da primeira parte do segundo ano é provocada sobretudo pelo desconhecimento do vocabulário que deveriam ter interiorizado no 1º ano. O mesmo efeito pernicioso têm quaisquer lacunas, ou pontos obscuros em conteúdos dados anteriormente. "O estudo do latim processa-se em compreensão progressiva, é um constante acumular de conhecimentos. Um defeito de base, não corrigido a tempo, atira o aluno para a desmotivação e a desistência". (vide Programa, p. 29).

No programa do 11º ano são indicados alguns autores, deixando em aberto a possibilidade de se estudarem textos de outros autores não explicitamente nomeados.

Não obstante ter sido eu co-autor dos programas de latim, não me é nada penoso formular aqui uma autocrítica. Com efeito, julgo actualmente que seria melhor não indicar autores para o 2º ano (tal como se fez para o 1º ano), ou, em alternativa, indicar um maior número deles, sem, no entanto, os tornar obrigatórios na totalidade. Poderiam, assim, os autores de compêndios seleccionar os textos por critérios linguísticos (morfofossintácticos) e por critérios de grau de dificuldade e de temas culturais. Poder-se-iam, assim, organizar compêndios de maior eficiência didáctica, seleccionando os textos de modo a constituírem séries de dificuldade moderadamente ascendente, mais intimamente ligados a temas de cultura e adequados ao treino das estruturas linguísticas ao longo das diversas fases de aprendizagem, processo que já foi, aliás, posto em prática em alguns compêndios, mas que poderá ainda ser melhorado.

No que diz respeito aos autores a estudar no 12º ano, julgamos também que deveriam acrescentar-se mais alguns, como, por exemplo, Salústio, Plínio e Séneca, não só por neles podermos encontrar textos muito interessantes, mas também por permitirem uma maior cobertura diacrónica da literatura latina.